

ENTRE ORIN, ORIVIVÊNCIAS E ORIENTAÇÕES: EXPERIÊNCIAS DE LETRAMENTO
RACIAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) A PARTIR DO
CANCIONEIRO DA MÚSICA PRETA BRASILEIRA

BETWEEN ORIGIN, EXPERIENCES, AND ORIENTATIONS: EXPERIENCES OF RACIAL
LITERACY IN YOUTH AND ADULT EDUCATION (EJA) BASED ON THE SONGBOOK
OF BLACK BRAZILIAN MUSIC

Vitor Tenório Oliveira

Universidade Federal de Alagoas

vychthorbyazz@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0739-0230>

Lígia dos Santos Ferreira

Universidade Federal de Alagoas

ligia.ferreira@fale.ufal.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6110-1049>

RESUMO: Este artigo foi apresentado no IV Seminário Nacional do NUDES, I Seminário Internacional do NUDES: Sociedade, Educação e Direitos Humanos: equidade na diversidade. O Grupo de Trabalho em que o mesmo foi problematizado e socializado foi o GT 4. Literaturas de autoria negra e africana: diálogos, interseções e fabulações epistêmicas.

PALAVRAS-CHAVE: Literaturas. Autoria Negra e Africana. Interseções.

ABSTRACT: This article was presented at the IV National Seminar of NUDES, I International Seminar of NUDES: Society, Education and Human Rights: equity in diversity. The Working Group in which it was discussed and shared was WG 4. Literatures by Black and African authors: dialogues, intersections and epistemic fabulations.

KEYWORDS: Literature. Black and African Authorship. Intersections.

Introdução

Ao acessar o mestrado do Profletras, tomei como norte para a pesquisa-ação aquilo que já é prática vivenciada, quer por minhas pequenas curadorias semanais como fomento para as aulas, quer pelo próprio modo de existir. Penso que uma das linhas de raciocínio possa ter relevância nas vivências das comunidades em que atuo. Tais possibilidades surgiram mediante a demanda da comunidade escolar em efetivar o currículo do Novo Ensino Médio.

Desse modo, em 2022, a gestão da Escola Estadual Tarcísio Soares Palmeira, localizada em São Miguel dos Campos, solicitou-me a criação de duas ementas de disciplinas eletivas que eu poderia ofertar. Surgiu então uma disciplina voltada para a valorização artística local, assim nominada: ô de casa, ô de fora, faz aqui e agora; bem como, uma disciplina intitulada: Na boca do mundo, “um neguinho” em cena: a literatura afro-brasileira e alguns encontros. Apesar de ambas propostas terem sido aprovadas, as disciplinas não se concretizaram por questões administrativas. Em todo caso, alguns textos coletados foram sendo estudados nas aulas de Língua Portuguesa. Dessa maneira, trago como proposta de pesquisa no mestrado essas insinuações.

Preferencialmente, gostaria de desenvolver a proposta com turma da EJA, pois noto que há certa escassez de trabalhos com essa modalidade. Estive passeando pelo repositório institucional da UFAL (RIUfal) e senti essa ausência. Para além do público, vê-se recorrentemente na Escola Estadual Tarcísio Soares Palmeira reproduções que põe em evidência a temática racial, reflexo do que a própria cidade vive. Para lembrar, no início do ano de 2021, como primeira ação do governo local (vitorioso nas urnas no ano anterior), foi feita a remoção de uma estátua que retratava uma mulher preta com trajes de baiana, relembrando a personagem de uma dança típica da região, As Taieiras.

O caso ganhou notoriedade nacional e internacional, levando diversos órgãos a se posicionarem contra a remoção. Tal panorama demonstrou que as alianças políticas feitas pelo mandatário, principalmente com o público evangélico neopentecostal, vertente religiosa que domina na cidade até hoje, culminou na atitude e na evidência da acusação: racismo religioso. Esse caso ilustra também como as relações étnicas são abordadas nessas comunidades escolares. Como ainda, no geral, acena para possíveis dificuldades em consolidar a Lei 10.639/03, que obriga as escolas públicas e privadas a ensinar a cultura e a história africana e afro-brasileira, o que se compreende, atualmente, 21 anos depois, que esse conteúdo é transdisciplinar. Noto que o público da EJA apesar de receptivo em discutir essas questões, reproduz, com o mesmo empenho, estereótipos e preconceitos, cultuando e perpetuando agressivas reações, apesar de sua constituição ser em grande parte de pessoas negras.

Não é de se surpreender que a relação entre jovens adultos e adultos idosos seja atravessada por demandas diversas para além do déficit de aprendizagem no processo de ó escolarização. A própria apreensão do que é, o que faz a escola se encontra situada no momento sócio-histórico desses indivíduos. Assim, as discussões que a sociedade vivencia no agora exige de todos nós dispositivos de múltiplos letramentos para nos compreendermos como agentes de mudanças no contexto em que vivemos. Mudanças necessárias para que nenhuma identidade seja sentenciada ao achincalhamento e ao conseqüente apagamento.

O panorama global apresentado no parágrafo anterior aponta para a necessidade de observarmos criticamente o nosso local e a nossa gente, por isso, ao olhar a minha comunidade a partir do recorte aqui apresentado, encontro em sua paisagem, barulhos que transitam na normatividade da sua razão de ser, existir e agir: “não tenho cabelo ruim, meu cabelo é bom”, “Que fedô de nego!”, “adoro um negão!”, “falar de racismo pra que?! se aqui não tem racismo?!”, “Qual é a minha cor?”, “Não tem a cor morena aqui no questionário, posso deixar em branco ou acrescentar minha verdadeira cor?”, “Minha família não queria que eu casasse com meu marido porque é moreninho como o senhor, ele é moreninho assim. Não é preto não, é um moreninho assim escuro. Muito gente boa, o meu marido”; ou a ocasião em que o professor de história passou um trabalho para, em uma das possibilidades, mapearem a presença africana em terreiros sociorreligiosos e encontrou da própria turma uma resistência (somos evangélicos e não gostamos dessas coisas) para a execução da atividade, porque, apesar da possibilidade de verificar tal presença em outros segmentos, há certa sanha introjetada a partir dos discursos dominantes na minha cidade em demonizar qualquer sinal que reporte às religiões afro- brasileiras; ou o momento em que passei um trabalho sobre personalidades femininas alagoanas e um pequeno grupo escolhe falar sobre Maria Neide Martins, conhecida em Alagoas como Mãe Neide Oyá D’Oxum, e logo após a apresentação, algumas horas depois da fixação nos corredores da escola do cartaz produzido pela equipe, vê-se, dentre todos os outros cartazes ali pregados, rasgões no que trazia a imagem e informações sobre Martins. Ao notar a tentativa de

destruição do cartaz, levei-o a sala dos professores, juntei os pedaços e fixei-o novamente no espaço em que se encontrava.

Todos esses acontecimentos deixam em evidência a problemática da questão racial entremeada no processo educacional desses indivíduos. Ciente de que estou longe de levar tais episódios ao silenciamento, entendendo que a comunidade escolar tem seu papel social no combate ao racismo, sinto-me provocado a querer na existência de tais ruídos, ouvir também outros que, a exemplo do questionamento provocado pela crítica literária e feminista indiana Gayatri Chakravorty Spivak (2010) ao relatar a história de uma jovem indiana que não pode se autorrepresentar fora do contexto patriarcal e pós-colonial, digam: [por que não] “Pode o subalterno falar?”.

Diante do cenário supracitado, insinua-se como possível intenção maior deste trabalho oportunizar aos indivíduos dessa comunidade escolar momentos em que possibilitem questionamentos e entendimentos de suas vivências sob o filtro da racialidade, bem como, oferecer instrumentos discursivos na relação dos letramentos literário e racial a partir dos quais possam despir o corpo colonial que normativamente educa e regula o conjunto de identificações que compõe nossas subjetividades e nossas atuações nos diversos papéis sociais que assumimos em nosso cotidiano. Como caminho metodológico a ser percorrido, trago a ideia do trânsito dialógico temático entre duas canções para construir um percurso (in)formativo do tema central discutido neste trabalho.

A perspectiva teórica desta pesquisa encontra corporeidade nas discussões sobre letramentos, evidenciando as contribuições de estudiosos(as) como: Cosson (2006), Rojo (2009), Souza (2011), Ferreira (2015), Moreira (2024). Além disso, ao partir para compreensão do retrato psicossocial do negro, valho-me dos estudos de Fanon (2023) e Souza (2021); Por fim, alcançando o debate atual acerca do que vem a ser e fazer uma educação antirracista, amparo-me nos contributos de Ribeiro (2019), Carine (2023), Cavalleiro (2024), dentre outras vozes que este trabalho for demandando no decorrer de sua composição, pois, como canta Emicida (2019): “Enquanto a terra não for livre, eu também não sou/ Enquanto ancestral de quem tá por vir, eu vou.”

Objetivos

Geral

Analisar as relações de “orivivências” produzidas pelas experiências de letramento literário de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública da cidade de São Miguel-AL através de práticas de leitura do cancionero da música preta brasileira.

Específicos

- Promover experiências de letramento literário entre estudantes de EJA;
- Destacar as relações de ‘orivivências” dos/as estudantes de EJA;
- Interrelacionar as “orivivências” dos/as estudantes de EJA e o cancionero da música preta brasileira.

Metodologia

O trabalho será conduzido na perspectiva da pesquisa-ação, pois compreendemos que a proposta aqui referenciada carece da intervenção prática para, então, ao se tomar ciência de todo o processo de investigação, análise e problematização, seja não só permitido compreender a situação-problema, mas também transformá-la. Para a geração e coleta de dados, serão considerados produções escritas, como diário de bordo; interações orais, registros fotográficos e afins.

As canções serão analisadas em pares arranjados por subtemáticas. Dessa forma, no Ojú òná: travessias na calunga grande, o eu lírico da canção Atlântico, composição autoral e interpretada por Elniño (2019) e o eu lírico da canção Um Corpo No Mundo, composição também autoral e interpretada por Luna (2017) navegam na relação do corpo afrodiaspórico gestado e mediado pelo Atlântico; No Ojú òná: um terreno pra chamar de eu, os eus líricos da canção N’ginga Quem Falou e da canção Há Lagoas Nessas Terras, composições autorais e interpretadas

pela própria artista alagoana Barros (2021), conduzem-nos a ver a conquista territorial numa tomada de reparação histórica no movimento de/em Palmares; No Ojú òná: xirê de um corpo só, o eu lírico da canção Bonecas Pretas, composição autoral e interpretada por Luz (2016) e o eu lírico da canção Alisar Pra Quê?, composição e interpretação de Lorena (2014), travam a batalha pela aceitação fenotípica, (auto)representação, (auto)aceitação e (re)afirmação no corpo social; No Ojú òná: Congá de gente grande, patuá pra quem tem fé, o eu lírico da canção Aceita, composição autoral e interpretada por Luz (2019) e o eu lírico da canção Bença!, composição e interpretação de Elniño (2019), apresentam um eu lírico não disposto a negociar com a catequização de seu sistema simbólico religioso, provocando o colonizado a aceitar a benção da resistência.

No Ojú òná: Vou Aprender a Ler Pra Ensinar Meus [minhas] Camaradas, o eu lírico da canção Cota Não É Esmola, composição autoral e interpretada por Ferreira (2019) e o eu lírico da canção Pedagoginga, composição e interpretação de Elniño (2017), reivindicam reparações no currículo e o respeito às políticas afirmativas raciais. No Ojú òná: Quizomba de quem canta para falar, o eu lírico da canção Bluesman, composição autoral e interpretada por Blues (2018) e o eu lírico da canção Identidade, composição e interpretação de Aragão (1999), mostram como a inspiração, a sensibilidade e o refinamento artísticos servem à denúncia, à provocação e à transformação do sujeito fruidor. No Ojú òná: Ubuntu, o eu lírico da canção O Mundo É Nosso, composição autoral e interpretada por Djonga (2017) e o eu lírico da canção O Preto Em Movimento, composição e interpretação de Bill (2015), mostram como um o corpo político e afrodiaspórico movimenta-se na agenda de vozes do coletivo. E, por fim, No Ojú òná: Em Sankofa, Frutos, Futuros, Brasis e Baobás, o eu lírico da canção Presente de Odoya, composição autoral e interpretada por Alves (2022) e o eu lírico da canção Continuação De Um Sonho, composição e interpretação de Santos (2022), instiga-nos a compreender os avanços em nossa contemporaneidade como reflexo da atuação aguerrida da ancestralidade.

Considerações finais

Este estudo, ainda em elaboração, evidencia o valor do cancionero da música preta brasileira como ferramenta pedagógica para o letramento racial na EJA. Ao introduzir músicas que tratam de temas raciais, a escola cria um espaço de aprendizado que resgata a cultura afro-brasileira, favorece a efetivação da Lei n. 10.639/03, estimula o empoderamento pessoal e promove a reflexão sobre questões de identidade e resistência. Desse modo, as músicas atuam como uma “ponte” para que os alunos pensem sobre suas próprias experiências de discriminação e exclusão, fortalecendo o sentimento de orgulho por sua ancestralidade e de valorização da identidade negra.

Para o futuro, pensamos que o material oriundo desta pesquisa pode instigar educadores a investirem em formação sobre letramento racial e considerarem incluir a música como parte das práticas pedagógicas regulares na EJA, contribuindo para uma educação antirracista e para o fortalecimento das identidades negras dos alunos. Além disso, a pesquisa sugere que esse tipo de intervenção colabora para um ambiente mais engajado e acolhedor, onde os estudantes se sentem respeitados e incentivados a explorar e valorizar suas heranças culturais. Por fim, a utilização do cancionero da música preta brasileira na EJA se apresenta como uma abordagem possível para enfrentar o racismo no ambiente educacional, auxiliando na construção de uma sociedade mais justa, com equidade e plural.

Referências

1. ALVES, Mary. **Presente de Odoya**. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/2ERaNe6SGHAXMJ5jGV2Sa4?si=G3XKU3ZHRfCX1c>
2. PyqWG3VQ. Acesso em: 01 out 2024.
3. ARAGÃO, Jorge. **Identidade**. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/1gDa6mXtwP3xE8tCNYAYDI?si=FD6Zcn3bROIuDVV>

4. UeEP1w. Acesso em: 01 out 2024.
5. BARROS, Naty. **Há lagoas nessas terras.** Disponível em: <https://open.spotify.com/track/428S2T11fJGYxjUBQj5UCA?si=BNbAmm5oRiKBjp8m>
6. q-4qjA. Acesso em: 01 out 2024.
7. BARROS, Naty. **N'ginga quem falou.** Disponível em: <https://open.spotify.com/track/4S8MF17WCyGrxgck1TKNjc?si=ksF0tca8R4q0C4VuL>
8. w7qXg. Acesso em: 01 out 2024.
9. BILL, Mv. **O preto em movimento.** Disponível em: <https://open.spotify.com/track/6jDMtF7OJ0kBC47kzaPHW?si=EbU8v42TQFyBu3m>
- 10.E8OJy4g. Acesso em: 01 out 2024.
- 11.BK; JXNV\$; GIGANTES. **Continuação de um sonho.** Disponível em: <https://open.spotify.com/track/1L1yQkU69NiYAC2oFqft90?si=KpcCg9lsRpqkLljA8Ds>
- 12.adg. Acesso em: 01 out 2024.
- 13.BLUES, Baco Exu Do. **Bluesman.** Disponível em: <https://open.spotify.com/track/3hHMr9tAmcqGqUjX8awAzL?si=3tEKSg74SDKMK5A>
- 14.78Q5uqw. Acesso em: 01 out 2024.
- 15.CAPINAM, José Carlos; MENDES, Roberto. **Yayá Massemba.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/maria-bethania/164730/>. Acesso em: 22 set. 24.
- 16.CARINE, Bárbara. **Como Ser Um Educador Antirracista.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- 17.CAVALCANTE, K. L. Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano. Disponível em: <https://periodicos.ifsertaope.edu.br/ojs2/index.php/semiaridodevisu/article/view/1094>. Acesso em: 22 set. 24.
- 18.CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** 7. ed. São Paulo: Selo Negro, 2024.

19. COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
20. COUTINHO, Renata. Epistemologias de terreiro: patuá e seu poder ancestral. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaop/epistemologias-de-terreiro-patua-e-seu-poder-ancestral/>. Acesso em: 22 set. 24.
21. DJONGA; BEATZ, Coyote; BK. **O mundo é nosso**. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/2DCmiAMyZGPLiDh47Upi9Z?si=bnm3ip3NQn CAG7EcNHuBA> Acesso em: 01 out 2024.
22. ELNIÑO, Thiago; NATACHE. **Atlântico**. Disponível em: https://open.spotify.com/track/1P9vVSdPDyOMSAzRC0EPNB?si=F6lLyBeJRbOPREhGaa_4Ew. Acesso em: 01 out 2024.
23. ELNIÑO, Thiago; NATACHE. **Bença!** Disponível em: <https://open.spotify.com/track/3cIlwrRZX2Hs5kUzAOJMo0?si=63fvbK1ZRg2Ni aGyC3TLg>. Acesso em: 01 out 2024.
24. ELNIÑO, Thiago; SANT; KMKZ. **Pedagoginga**. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/7zi1ks67s9YosUZ5DKztrB?si=71N283rFRFqf2i WuV0TLOW>. Acesso em: 01 out 2024.
25. EMICIDA. Principia (part. Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira e Pastoras do Rosário). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/emicida/principia-part-fabiana-cozza-pastoras-do-rosario-e-pastor-henrique-vieira/>. Acesso: 22 set. 24.
26. FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução: Sebastião Nascimento; São Paulo: Ubu Editora, 2020.
27. FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.
28. FERREIRA, Bia; DORALYCE. **Cota não é esmola**. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/2tZjLmkezixxTLxJB8eFIT?si=-ASG13hzTC-oQ2R8AZZXdw>. Acesso em: 01 out 2024.
29. FIOCRUZ. Projeto Sankofa discute as questões e relações étnico-raciais. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/projeto-sankofa-discute-questoes-e-relacoes-etnico-raciais>. Acesso: 22 set. 24.

30. GELEDÉS. Baobá – árvore símbolo das culturas africanas. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/baoba-arvore-simbolo-das-culturas-africanas/>. Acesso: 22 set. 24.
31. LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
32. LORENA, Thabata. **Alisar pra que?** Disponível em: https://open.spotify.com/track/5gukdwiOFefmwArqHSxuBz?si=DQfLQ2_FR-GsZYpgub99sw. Acesso em: 01 out 2024.
33. LUNA, Luedji. **Um corpo no mundo**. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/5uSnNITp4UvRePHXo9vGV7?si=mT-8Zq4jRBeKLvzCrpY-wg>. Acesso em: 01 out 2024.
34. LUZ, Larissa. **Aceita**. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/6pQ3voPXI2HlrQAIWRtlnW?si=VknH56gNQO2Q9140xyTFpA>. Acesso em: 01 out 2024.
35. LUZ, Larissa. **Bonecas Pretas**. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/0emEolHqoJTXapmXmB6ukd?si=PBmc2h7OTzCWObwO6TW8PQ>. Acesso em: 01 out 2024.
36. MOREIRA, Adilson José. **Letramento Racial**. 1. ed. São Paulo: Contracorrente, 2024.
37. NAPOLEÃO, Eduardo. **Vocabulário Yorùbá**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
38. RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
39. ROJO, Roxane. **Multiletramentos na Escola**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
40. SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
41. SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
42. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** 1. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.